

paul veyne

Primeros
vóos



O INVENTÁRIO DAS DIFERENÇAS

história e sociologia

paul veyne

O INVENTARIO DAS DIFERENCAS

brasiliense



PAUL VEYNE

O INVENTÁRIO
DAS DIFERENÇAS

História e Sociologia

Editora Brasiliense

1983

Copyright © Éditions du Seuil, 1976.

Título original: *L'Inventaire des Différences*

Tradução: Sônia Saizstein

Capa: Alfredo Aquino

Revisão: Rosângela M. Dolis Jair N. Rattner

Editora Brasiliense S.A.

01223 – R. General Jardim, 160 São Paulo – Brasil

Aquelas ou aqueles que possuem melhores razões que eu para serem intrépidos – disseram-me – tremem nas horas ou dias que precedem sua aula inaugural. E, certamente, há tantas razões para alguém tremer diante de um ou outro de vocês, que não vou aborrecê-los, infringindo-lhes a descrição detalhada das razões que me possam ser particulares. Pedirei complacência para uma única destas razões. Vocês me designaram, meus caros colegas, para ocupar uma cadeira de História Romana. Ora, estou plenamente persuadido de que a História existe, ou pelo menos, a História sociológica, aquela que não se limita a narrar, nem mesmo a compreender, mas que estrutura sua matéria recorrendo à conceituação das Ciências Humanas, também chamadas Ciências Morais e Políticas. Estou igualmente persuadido de que os romanos realmente existiram; isto é, que existiram de maneira tão exótica e tão cotidiana quanto, por exemplo, os tibetanos ou os nhambiquaras, de modo que se torna

impossível continuar a considerá-los como uma espécie de povo-valor. Mas, então, se a História existe, e também os romanos, existirá uma História romana? A História consistirá em contar histórias segundo a ordem do tempo? A resposta, para falar rapidamente, será formalmente não, e materialmente sim. Sim, porque existem acontecimentos históricos; não, porque não existe explicação histórica. Como muitas outras ciências, a História informa seus materiais recorrendo a uma outra ciência, a Sociologia. De maneira análoga, existem, de fato, fenômenos astronômicos, mas, se não me engano, não existe explicação astronômica: a explicação dos fatos astronômicos e física.

Quando vocês confiaram esta cadeira de História Romana a um desconhecido que nasceu no seminário de Sociologia histórica, imagino, meus caros colegas, que vocês quiseram respeitar uma de suas tradições. Porque o interesse pelas Ciências Humanas é tradicional na cadeira que ocupo. Por isso, este seu servo, ávido por se apresentar a vocês sob seu lado melhor, se apoiará no

que se pode chamar o segundo momento da filosofia aroniana da História. O primeiro momento desta filosofia foi a crítica da noção de fato histórico; “os fatos não existem”; isto é, não existem em estado isolado, exceto por abstração; concretamente, existem apenas sob o conceito que os informa. Ou, se preferirem, a História existe apenas em relação às questões que nós lhe formulamos. Materialmente, a História é escrita com fatos; formalmente, com uma problemática e conceitos.

Mas, então, que questões é preciso formular-lhe? E de onde vêm os conceitos que a estruturam? Todo historiador é implicitamente um filósofo, já que decide o que reterá como antropologicamente interessante. Ele deve decidir se atribuirá importância aos selos postais através da História, ou às classes sociais, às nações, aos sexos e suas relações políticas, materiais, e imaginárias (no sentido da *imago* dos psicanalistas). Como se vê, quando François Chatelet considerava um pouco estreito o criticismo neokantiano e reclamava, em nome de Hegel, uma concepção menos formalista e mais

substancial da objetividade histórica, não podia prever que seus anseios seriam tão rapidamente satisfeitos.

E ia que os fatos são apenas a matéria da História, para informá-los um historiador deve recorrer à teoria política e social. Aron escrevia em 1971 estas linhas que se constituirão em meu programa: “A ambição do historiador, enquanto tal, continua sendo a narração da aventura vivida pelos homens. Mas essa narração exige todas as fontes das Ciências Sociais, inclusive as fontes desejáveis, mas não disponíveis. Como narrar o devir de um setor parcial, diplomacia ou ideologia, ou de uma entidade global, nação ou império, sem uma teoria do setor ou entidade? O fato de ser diferente de um economista ou sociólogo, não implica que o historiador seja menos capaz de discutir com eles em pé de igualdade. Eu me pergunto mesmo se, ao invés da vocação empírica que lhe é normalmente atribuída, ele não deve flertar com a Filosofia: quem não busca sentido à existência, não o encontrará na diversidade das sociedades e. das crenças”. Tal é o segundo momento da

filosofia da História; ele conduz, como se verá, ao problema central da prática histórica: a determinação de constantes, acima das modificações; um físico diria: a determinação da fórmula acima dos diferentes problemas que ela permite resolver. É uma questão atual: o *Clausewitz* de Aron tem como verdadeiro tema colocar a constante ao alcance dos historiadores.

Em duas ou em cem palavras, o historiador deve decidir o que falar e saber do que fala. Não se trata de interdisciplinaridade, mas de muito mais. As Ciências Morais e Políticas (vamos chamá-las convencionalmente “Sociologia”, para sermos breves) não são o território do vizinho, com o qual estabeleceríamos pontos de contato, ou de onde iríamos saquear objetos úteis. Elas nada fornecem à História, porque fazem, de fato, muito mais: informam-na, constituem-na. Senão, seria preciso supor que os historiadores seriam os únicos com direito a falar de certas coisas – paz, guerra, nações, administrações ou costumes – sem saber o que são, e sem começar por aprendê-lo, estudando as ciências que delas tratam.

Ainda que os historiadores quisessem ser positivistas, não o conseguiriam; mesmo não querendo sabê-lo, possuem uma sociologia, já que não podem abrir a boca sem pronunciar as palavras guerra e cidade, e sem se fundar, à falta de uma teoria digna desse nome, na sabedoria das nações ou em falsos conceitos, como “feudalidade” ou “redistribuição”. Assim, a erudição, a seriedade do ofício histórico, é apenas metade da tarefa; e, atualmente, a formação de um historiador é dupla: erudita e, além disso, sociológica. O que nos acarreta o dobro de trabalho, porque a Ciência progride e o mundo perde a inocência, avidamente, todos os dias.

As Ciências Humanas estão na moda, como se diz. Em outros termos, nossa época é mais profundamente cultivada que outras: não aprende mais muito latim, mas, em compensação, compreende mais coisas de seu próprio mundo. Ora, é incontestável que ela se desvia dos estudos clássicos. Só vejo para isso duas explicações possíveis: se o público cultivado quase não se interessa mais pela Antigüidade, é que, ou a

Antigüidade não é interessante, ou nós, estudiosos do tema, não soubemos fazer as pessoas se interessarem por ela. Que escolher? Não que se trate de mendigar os sufrágios da opinião: a História é feita para divertir os historiadores, é tudo. Apenas seria mais agradável se divertir em companhia mais numerosa. Aqui estou a fazer proselitismo ... Assim, já que é para se fazer de sargento recrutados, façamo-lo com alguma chance de sucesso. Não falarei, então, de humanismo, não defenderei a cultura. Uma cultura está bem morta quando a defendem em vez de inventá-la.

Senhoras, senhores, trata-se de conceituar, por simples curiosidade de ordem etnográfica ou sociológica, a História de um velho império, cujos principais escombros levam o nome de *Digesto*^(*), ou este Dante em duas pessoas que foram Lucrécio e Virgílio. Há uma poesia do distanciamento. Nada mais longe de nós que essa antiga civilização; é exótica, digo, está extinta, e os

* *Digesto* - reunião, em um corpo de doutrinas, das decisões dos juriconsultos romanos; publicado em 533, sob o império de Justiniano. (N. do T.)

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

